

# AMERICAN CLUB



" OS EUA e os pers-  
pectivas socio-culturais  
da Democracia na  
Europa "

---

- Almoço a convite do  
AMERICAN CLUB de Lis-  
boa

---

29 de Maio '88

---

Fundação Cuidar o Futuro

# 1 O EUA ~~usa~~ e as perspectivas socio-cultu. 1 rais da democracia na Europa



## Introdução

Há dias um semanário perguntava a vários intelectuais portugueses o que pensavam da influência americana em Portugal, ... E, sem dar por isso, dei comigo também a pensar nessa influência, ~~mas~~ acrescentando-lhe <sup>embora</sup> outro termo: qual é o significado da realidade portuguesa face ao EUA ... ~~Quase~~ Espontaneamente recorrei algumas linhas de um poema de Richard Davidson:

"There are cities between us.  
There are countries that separate  
There are Gods who dang <sup>our</sup> hopes  
Outmoded to both territories  
Will I know your earth?  
Will you know mine?  
Will I know your earth?  
Will you know mine?  
Can we walk free of both our cages?  
Can our road be one road?"

São alguns marcos desse cami-  
nho que vou tentar apontar. Na  
perspectiva do conhecimento mútuo,  
do encontro, da reciprocidade das  
relações.

"Pode o nosso caminho ser um  
caminho?" Quais as condições  
desse caminhar ~~?~~ conjunta?

Fundação Cuidar o Futuro





- Vencer a crise: uma tarefa  
comum



Já é hoje um facto claro q̄ a  
crise mundial é uma crise estru-  
ral profunda, que se estende  
~~existe~~ a todos os sectores da vida  
social e política, desde a "desor-  
dem monetária institucionalizada",  
como costuma dizer<sup>ex. change.</sup> Helmut Schmidt,  
até à dependência acrescida q̄, no  
plano económico ou cultural, carac-  
teriza muitos países cuja ~~defe-~~  
independência político-adminis-  
trativa ainda não tem mais de  
20 ou 30 anos.

Perante essa crise, não há  
pequenos ou grandes países. As  
responsabilidades, à escala de  
cada país, são enormes e as  
tarefas <sup>de uns e de outros</sup> encontram-se intimas  
interligadas. Por isso me atrevo  
a sublinhar alguns ~~aspectos~~ <sup>valores</sup> q̄  
na convivência entre Portugal e os  
EUA, podem guiar os nossos dois  
países.





# 1 Auto-confiança (Self-esteem) 4

Recordo-me q̄ nas primeiras atividades q̄ ~~universitárias~~ em q̄ colaborei nos EUA, por mais objetivo que fosse o tema em debate acabava sempre alguém por ~~lançar~~ lançar a questão: "but who am I?" E confesso q̄ a minha mentalidade técnica se impacientava com esse constante exercício de "soul-searching".

Mais tarde, compreendi. A pergunta não nascia só das longas <sup>ou da análise transaccional</sup> experiências de dinâmica de grupo, ou da influência de Carl Rogers ou de Eric Ericson, ou de ~~formas~~ ~~mais~~ ~~banais~~

Ela correspondia à necessidade vital, numa sociedade q̄ se está fazendo, de encontrar um tipo de ganhar auto-confiança, para poder lutar e ser estimado.

Essa auto-confiança <sup>traduz</sup> ~~trata~~ a nível pessoal a urgência q̄ ~~tem~~ ~~o~~ ~~do~~ aproveitamento máximo de todos os recursos humanos, ~~com~~ a noção de q̄ é necessário <sup>vivido</sup> por todos e cada um,



Optimizar todos os talentos e capacidades. 5  
cidades.

Essa procura de identidade conduzida à movibilidade geográfica e profissional, introduz um factor de c.º renovação e dinamismo nas instituições (Universidades, empresas, Igrejas), provocando uma <sup>possibilidade</sup> ~~capacidade~~ <sup>aberta</sup> ~~removida~~ de mudança e de re-orientação.

~~Até agora~~ Poderemos dizer o mesmo de P. ? Retomando a sua dimensão geográfica europeia e, durante mais de 4 séculos, se alargara por todos os continentes, P. está à procura da sua identidade.

Percorre o corpo vivo do meu país uma certa inquietação. E dessa inquietação dá conta a super-estrutura política cujos sobressaltos e menores, ~~menores~~ ~~os erros do~~ ~~homens~~, do q em grande parte, a incapacidade de fazermos circular



livremente entre si, numa estimula o  
lante permuta, os grupos profissionais,  
os escritores, os artistas, os interesses  
económicos organizados.

Saber quem somos, hoje, em P.,  
é tão importante como o é p.º o ame-  
ricano imigrado de 2.º ou 3.º geração.  
E essa procura é a pp. condições da  
utilidade social e económica. É a  
raiz da independência nacional.



Fundação Cuidar o Futuro

A procura dessa identidade  
entra directamente no pleno  
funcionamento das instituições  
democráticas, e é sua condição  
fundamental.



2. Convivência e solidariedade 7  
em diferentes níveis, no mesmo país  
Quando, ~~esse~~ <sup>este</sup> ~~é~~ <sup>seu</sup> ~~o~~ <sup>o</sup> ~~q~~ <sup>q</sup>  
é a democracia participativa ~~é~~ <sup>é</sup> ~~o~~ <sup>o</sup> ~~q~~ <sup>q</sup>,  
~~é~~ <sup>é</sup> ~~um~~ <sup>um</sup> ~~operativo~~ <sup>operativo</sup>  
~~aspecto~~ <sup>aspecto</sup> da Constituição da Rep. Port. como  
valor fundamental, dou frequentemente  
como exemplo a estrutura social e  
política dos EUA.

Só quem vive um tempo em ~~o~~ <sup>o</sup> ~~q~~ <sup>q</sup>  
Estado do interior dos EUA se aper-  
cebe do ~~q~~ <sup>q</sup> significa, ~~num país em~~  
~~q~~ <sup>q</sup> ~~os~~ <sup>os</sup> ~~transportes~~ <sup>transportes</sup> ~~públicos~~ <sup>públicos</sup> ~~as~~ <sup>as</sup> ~~quase~~ <sup>quase</sup>  
~~exclusiva~~ <sup>exclusiva</sup> a organização democrá-  
tica de uma comunidade. Parti-  
cipei, uma vez, a título de con-  
cultora, num seminário em Toledo  
(Ohio) constituído por ~~um~~ <sup>um</sup> ~~grupo~~ <sup>grupo</sup>  
de cidadãos ~~q~~ <sup>q</sup> ~~se~~ <sup>se</sup> ~~organizara~~ <sup>organizara</sup> ~~fi~~ <sup>fi</sup>  
melhorar a assistência médica  
às ~~personas~~ <sup>quase</sup> ~~indiferentes~~ <sup>indiferentes</sup> ("welfare  
recipients"). Tudo foi mobilizado  
e em três meses os problemas  
ficaram resolvidos - ~~com~~ <sup>com</sup> ~~apelo~~ <sup>apelo</sup>  
ao Estado, apesar ~~de~~ <sup>de</sup> ~~algumas~~ <sup>algumas</sup> ~~recomenda-~~  
~~ções~~ <sup>suplementares</sup> ~~as~~ <sup>as</sup> ~~autoridades~~ <sup>autoridades</sup> ~~municipais~~ <sup>municipais</sup>.





Tal participação exprime a 8  
capacidade de cooperação e de convi-  
vência. ~~É, mais~~ Que, de igual modo,  
se encontram ao nível de grupos  
organizado: empresa ou comuni-  
dade religiosa.



~~Uma forte raiz~~ A democracia  
encontra aí uma forte raiz;  
pode exprimir-se o mais radical  
desacordo mas permanece a lei  
de ouro da democracia: <sup>lutar p.:</sup> o outro,  
de idéias opostas, tenha a total  
liberdade de as expor.

Se há, ~~no mundo~~ <sup>em Portugal</sup>, quem  
apenas vê nos EUA a grande po-  
tência de espera favores políticos,  
também há quem nela vê essa  
democracia viva que tudo faz p.:  
não discriminar, não margina-  
lizar, e permitir, assim, a  
liberdade de expressão e os  
direitos cívicos de todos s/ex-  
cepção.

Pertença à <sup>(mesma)</sup> geração que tudo faz





9A

A democracia participativa existe no espaço social e cultural português, no tecido social do país, mas carece de expressão adequada ao nível das instituições do poder político.

Por isso, a informação e as grandes decisões e negociações do país é mantida no grupo restrito dos que detêm o poder. ~~e um dia acordamos, como dizia há dias o director da Secla, <sup>desprezados por</sup> um martelo na cabeça.~~

Dai a indeterminação que pesa na vida económica e que impede, em grande parte, os portugueses de se lançarem em novas iniciativas capazes de contribuir para o PIB, de dar trabalho aos jovens, de dinamizar a vida social.

Como ultrapassar esta situação de estagnação na vida económica e social?



### 3. Gosto do risco

10

Falar de mobilidade, de liberdade de expressão, é, no quadro americano, acentuar o gosto do risco, a capacidade de iniciativa, a força da perseverança.

Quantas vezes ouvi, na boca de americanos, perante uma hesitação, ou um receio de que a tarefa fosse quase impossível, a frase corrente: "Difficult things are possible; impossible things take a little ~~bit~~ longer."

Penso que essa enorme força do risco tem que ver com o espaço: muitas iniciativas nascem livres aqui e ali, <sup>como</sup> outros tantos movimentos brownianos aparentemente não conduzidos, mas expressões de uma energia nova.

O risco não é utopia nem aventura. É oportunidade calculada, programada, baseada na investigação científica e no controle técnico.





Em cada iniciativa, há p:<sup>o</sup> 11  
os americanos, uma "nova fron-  
teira". Um gde presidente conbe-  
dar à América das últimas de-  
cadas o fôlego de buscar  
"new frontiers".



E aí algo de comum  
passa com p. Tb. nós fomos, ao  
longo de m.<sup>tos</sup> séculos, buscando  
fronteiras, p:<sup>o</sup> além daquelas q  
aqui estabelecêramos. No nosso  
universo mítico, "o caminho p:<sup>o</sup> a  
Índia" é uma constante. Só os  
q envelheciam e perderam a  
esperança de contentam e o q os  
outros lhes trazem até à porta.

• A grande maioria da população  
portuguesa vive buscando "esse  
porto ~~em~~ sempre por a dar".

A grande divergência entre  
os portugueses está hoje entre  
aqueles q se acomodam, se  
contentam e o modo como  
as coisas são e aqueles q  
procuram imaginativamente

novas colunas e novas pistas. 12

~~Aquelas~~ Os primeiros, deixando  
a iniciativa de pece, julgam-se  
realistas e consideram os ~~seus~~ <sup>seus</sup>  
de idealistas ou utópicos. ~~Se o~~  
<sup>for este o</sup> Qão-no à maneira como  
o era Bob Kennedy' <sup>quando citava</sup>  
de Bernard Shaw: ~~é portanto~~  
~~vezes~~ gostava de citar:

"Many see things as they  
are and ~~say~~ "why not?"  
I dream things that never  
were and say "why not?"









xcedentes dos mais ricos.

14

As alianças de q̄ como parte  
nas podem ser p. nos e'crans misti-  
ficadores da tradição cristã de mitos  
de'culos e da responsabilidade na  
preservação dos gdes valores da huma-  
nidade. Sabemos q̄ nesse primado dos  
valores morais est'amos em un'isso no q̄ por aue-  
r'ano.

~~De resto,~~ tres aspectos do comporta-  
mento dos dirigentes politicos  
do EUA ~~em~~ são directa/p. P.  
motivo de preocupação:



— em 1.º lugar, a total des-soli-  
darianza do EUA em relação  
à defesa dos direitos do povo de TL;  
em face da  
no conhecimento da impossibilidade  
material de P. de defender a inte-  
gridade <sup>e na sua independência</sup> do seu  
território sob sua  
"administração" e a continuação de  
apoio às forças q̄ ilva diram TL  
e ~~o~~ cbr. o direito ilT/ual ~~o~~  
o ocuparam e ocupam;

— em 2.º lugar, a posição em  
relação à RPA e à Ploçambique  
pelo apoio dado ao governo de  
Províria no seu ~~caso~~-cumpri-  
mento do acordo de Namíbia e  
na ~~o~~ seu comportamento da  
guerrilha armada e M.C.



— em 3.º lugar, a reação exage- 15  
rada face aos movimentos sociais e  
políticos da América Latina, levando  
a situações q̄ tocam já a violação  
do direito int/nal.

~~Qu~~ Sabemos q̄, <sup>em alguns</sup> países ATAm. Central,  
alguns muitos destes  
problemas, e não todos, são resul-  
tado da cada vez + acentuada  
divisão do mundo em zonas  
de influência. E q̄ os EUA ne  
escalada militar partilham  
a responsabilidade c/ a URSS.

Por isso, gostaria de exprimir a  
m/ opinião pessoal e as palavras  
q̄ o Com. de Intertecy dirigiu às 2  
super-potências:

- - - - -



Nos EUA, o autor de "The fallacy <sup>16</sup> of stars wars", diz, no já longo debate sobre a SDI; ~~custo de multi bilhões de dólares~~

85" The strategic arguments for the SDI rest on two fundamentally flawed premises - an unfounded technological optimism about the effectiveness of space-based missile defenses and a striking lack of realism about Soviet reactions to the program"

~~Washington must  
"By agreeing to a ban on the further testing + deployment"~~

Estou inteira/ de acordo c/ as precauções do MNE português qto aos esclarecimentos necessários f. q. P. possa participar ou não na SDI.





• O segundo vector da politica 17  
interna e externa dos EUA diz respeito  
~~à situação económica mundial~~  
é a relação entre o deficit interno  
dos EUA e a dívida externa dos países  
sub-desenvolvidos. O ciclo é contínuo  
e infernal: p.º colmatar o deficit das  
contas públicas, a taxa de juro do  
dólar sobe, as dívidas dos países  
pobres aumentam artificialmente  
~~o deficit dos EUA~~ e nos  
anos 80 por uma  
razão o desemprego aumentou  
para 3 milhões de pessoas,  
o ex-PM Callaghan chamou a  
bomba relógio da dívida.

Esta afirmação foi incorporada  
na declaração do CA de ex-chefes  
de governo q foi translidada à  
cimeira de Bonn:



É certo q a responsabilidade 18  
não cabe apenas aos países ricos  
e, particular, aos EUA.

Se os países devedores têm  
uma má gestão q se não está  
belecem prioridades económicas  
claras, e se apenas usam  
mecanismos de controle monetário  
e financeiro, não têm condições  
seguras para negociar empré-  
stimos. ~~e etc~~

~~Em P. C. o Plano, elaborado  
de forma participada, pelos repre-  
sentantes das pop., através do  
poder local, pelos repres. dos  
trab. e pelos repres. dos interesses  
económicos — condições para  
belq M. Contribuir — poder-se-  
garantir novas condições econó-  
micas e um futuro melhor~~



Consciente das graves conse<sup>18A</sup>  
quências desta situação p.<sup>o</sup> a sua  
situação económica, sobre o campo c/  
a dívida de 16.300.000.000 dólares,  
~~em~~ e igualmente consciente de q<sup>e</sup>  
esta situação é partilhada <sup>a nível</sup>,  
por m.<sup>os</sup> outros países, P. Tem  
necessária/de encontrar os meios  
p.<sup>o</sup> negociar a sua dívida externa.

At o mesmo tempo, pensa q<sup>e</sup>, ~~tal~~  
~~passado q<sup>e</sup> foi excedida s/ as auto~~  
~~idades do Estado contribuída p.<sup>o</sup>~~  
melhorar a situação ~~actual~~  
social, económica e empresarial  
do povo americano, já q<sup>e</sup> a excessiva  
valorização do dólar provocou, só  
entre 80 e 83, um aumento de  
3 milhões de desempregados











<sup>Contribuir p.º</sup>  
Uma Europa forte pode ser p.º 21  
P.º um elemento dinamizador, já  
q.º a sua adesão a um dos mecanismos  
institucionais de Europa, a CEE,  
trará consigo um período de transição  
de pesados custos p.º Portugal.

Para tal, P.º tem de realizar  
c/ a > urgência, algumas tarefas  
interinas, entre as quais avulta  
a necessidade de estabelecimento de  
regras claras p.º os agentes económicos.  
O Plano de desenvolvimento econ.  
e social, elaborado de forma  
participada e não tecnocrática  
ou ideológica/dividido é um  
imperativo do relançamento da economia  
em Portugal.

Não precisamos p.º tal de  
mudar a Const. e de deixar de  
movor o país parado neg.º os  
hs de leis encontram soluções  
p.º uma ~~ex~~ revisão interminável.





Conclusão:

22

Saudary de Alvaro de Campos  
a Walt Whitman

"De mãos dadas, Walt, de  
mãos dadas,  
~~dancando o universo,~~  
~~na alua.~~"

Fundação Cuidar o Futuro

